



“Com a cisterna você pode fazer qualquer coisa!”

*Marciana, Manuela, Chico e Dui:
fomento coletivo e segurança alimentar*

No município de Damião, no Curimataú da Paraíba, quatro famílias vizinhas ligadas por laços de parentesco e pela convivência, decidiram trilhar um caminho coletivo na implementação do projeto produtivo do Programa Uma Terra e Duas Águas (P1+2), executado pela AS-PTA no município. Elas vivem em um terreno de 7 hectares, no sítio Olho D'água, onde moram 8 famílias no total. Entre elas estão Marciana Rocha da Silva, de 26 anos, sua irmã Manuela Rocha da Silva, de 29 anos, a mãe de ambas, Maria José da Rocha, conhecida como Dui, de 47 anos, e o irmão dela, Francisco Florentino da Rocha, de 55 anos.

A escolha de trabalhar juntos nasceu tanto da proximidade física quanto da tradição de união união que ultrapassa os vínculos sanguíneos. Quando o recurso do fomento chegou, a maior parte das famílias no município optou por aplicar de forma individual, mas o grupo entendeu que faria mais sentido se juntassem forças, compartilhando o espaço, os custos e o tempo.

A decisão de investir coletivamente foi também uma forma de enfrentar os limites impostos pelo dia a dia e construir arranjos para o trabalho.

“É muito bom porque a gente é todo mundo junto. Já deixa de comprar no mercado e o que tem a gente reparte entre a família”, reflete Marciana sobre os benefícios do trabalho coletivo. E continua: *“Às vezes a gente precisa sair para trabalhar fora, assim, é melhor a gente trabalhar no coletivo, porque quando um não tem tempo, o outro tem.”*

Chico e Marciana fizeram o projeto para construção de pocilga e dar início à criação de porcos, já Dui e Manuela fizeram o projeto para construção de hortas, mas, na prática, o cuidado é coletivo e a renda também.



Maria José (Dui) e Manuela



Marciana e Francisco (Chico)

O recurso do fomento, no valor de R\$ 4.600 por família, foi utilizado de maneira estratégica. Uma das primeiras decisões foi cercar o terreno de três das quatro cisternas de forma unificada, o que rendeu um amplo espaço de cultivo. Essa escolha otimizou o uso dos materiais e garantiu uma área coletiva ampla e mais organizada. A partir daí, começaram a plantar uma diversidade de alimentos: tomate, pimentão, alface, cenoura, abóbora, coentro, quiabo, pepino, macaxeira, mamão, moringa, abacate e plantas medicinais usadas em chás. *“Aqui tem de tudo um pouco. Quando eu comecei, não estava chovendo, era só o sol quente, mas a cisterna sustentou e a gente conseguiu levar adiante”,* conta Dui.

A produção é usada livremente: se alguém precisa de um tomate, um coentro ou uma abóbora, basta buscar na horta comum. O que sobra, Dui vende em pequenas quantidades, e com esse dinheiro consegue pagar energia, internet e pequenas despesas domésticas.

A família também se divide no manejo de outros animais como galinhas, cabras, perus, uma vaca e os quatro porcos, adquiridos através do fomento. Para garantir o bem-estar dos animais, também compraram ração e organizaram a divisão dos cuidados. O trabalho na construção da pocilga, canteiros e das cisternas, sempre que possível, foi realizado pelos próprios membros da família, sem necessidade de contratar pessoas de fora. Assim, o recurso do fomento foi integralmente revertido em estrutura e insumos para produção



Aprendizado e inspiração

Essa experiência não nasceu isolada. O grupo participou de intercâmbios em Solânea, onde conheceram hortas, técnicas de reuso de água e a produção de silagem para alimentação animal. Ver outras famílias cultivando em condições adversas os inspirou a acreditar que também poderiam fazer mais em suas terras. De volta a Damião, adaptaram o aprendizado e ampliaram a diversidade dos plantios, experimentando novas práticas. Também participaram das formações de GAPA e SISMA, nas quais refletiram sobre gestão da água, proteção das hortas contra pragas e doenças e sobre formas de produzir e armazenar insumos. As mulheres recordam com entusiasmo os momentos de formação, não apenas pelo aprendizado, mas pelo encontro com outras comunidades, pela troca de ideias e diálogo sobre a justa divisão do trabalho doméstico.

“Nós nos inspiramos na visita de intercâmbio, né? E a gente viu as hortas, a gente gostou e eu disse, parece que nós vamos fazer também.”, relembra Manuela

Água que transforma vidas

O impacto da cisterna de produção na vida das famílias foi imediato. Antes, a dependência era quase total do carro-pipa do Exército, que chegava de forma irregular, especialmente nos períodos de estiagem, quando a necessidade era maior e a água disponível nos pequenos reservatórios não dava conta de sustentar a família.

“A gente também não conseguia armazenar tanta água. Aí quando era um tempo muito chuvoso, muita água ia embora. E assim, a cisterna é grande, você consegue adaptar uma mangueira para a água que desperdiçava da pequena, você já coloca para cá.”, comemora Chico.

“Agora tem água em casa, graças a Deus. Mudou muito a vida da gente”, relatou Dui, lembrando que antes precisavam caminhar longas distâncias para buscar água no açude ou em cacimbões e agora, como bem diz Manuela, *“a gente tem de tudo um pouco. Com a cisterna você pode fazer qualquer coisa.”*

A feira da cidade deixou de ser o único caminho para garantir alimentos frescos. Hoje, a maior parte do que consomem vem da própria terra, o que reduziu gastos, aumentou a qualidade da alimentação e deu mais autonomia às famílias. Os porcos criados com o fomento já garantiram abate para consumo, fortalecendo ainda mais a segurança alimentar. Além disso, a experiência mostrou a força da coletividade: quando alguém não tem tempo para cuidar da horta, outro assume; quando um animal é abatido, a carne é repartida; quanto ao que é produzido na horta, todos têm acesso. Essa lógica fortalece vínculos familiares e a solidariedade, ampliando o impacto do recurso para além do resultado produtivo.

Dui compartilha todo o processo desde a construção da sua cisterna, horta e pocilga, como o seu trabalho diário no seu quintal nas redes sociais: *“eu gosto de compartilhar pras pessoas verem como é o processo e também muita gente vê o que apurei, vem atrás de comprar o que colhi, é muito bom”*

A experiência de Damião mostra que o fomento coletivo é uma forma de fortalecer vínculos comunitários, ampliar a autonomia das famílias e inspirar outras a seguirem o mesmo caminho. Ao cercarem as cisternas juntas, construirão hortas diversificadas, criarem animais em comum e repartirem os frutos do trabalho, Marciana, Manuela, Dui e Francisco demonstram que a convivência com o Semiárido se constrói de maneira solidária e criativa.



Conheça mais sobre a experiência:

Saiba mais sobre o fomento coletivo:



Acompanhe o dia a dia de Dui nas suas redes:



Realização

Apoio